

Conversão da dívida no Brasil estimula o mercado secundário

Os preços dos títulos da dívida de países do Terceiro Mundo, negociados no mercado secundário, subiram em média 9% (em relação ao nível mais baixo registrado no final do ano passado), graças, principalmente, à procura por títulos da dívida brasileira por causa do programa de conversão recém-implementado no País, segundo informou a agência AP/Dow Jones.

Mas os preços para títulos de empréstimos da maioria dos outros países latino-americanos aumentaram também, em parte por causa dos programas de conversão de dívida desses países e, em parte, porque a demanda de títulos brasileiros criou a demanda pelos empréstimos de outros países. Os investidores que procuram empréstimos brasileiros frequentemente precisam trocá-los por títulos de outros países.

Os programas de conversão da dívida permitem que um investidor troque empréstimos de um país por investimentos de capital no país. O investidor se beneficia porque pode comprar os empréstimos com um desconto, mas recebe moeda local correspondente ao valor de face da quantia total. O país também se beneficia porque reduz o montante de sua dívida externa.

O Chile foi um dos pioneiros nas conversões de dívida e Hernan Somerville, diretor do banco central do Chile, disse que, nos últimos três anos, o país reduziu em 23% sua dívida com os bancos comerciais, para US\$ 10,5 bilhões, por meio desse processo. Por causa de seu programa ativo, a dívida chilena está sendo transacionada com um desconto muito menor do que a de outros países latino-americanos, apesar de sua dívida ser muito maior proporcionalmente ao tamanho de sua economia do que a da maioria dos outros países latino-americanos. Os empréstimos do Chile estão sendo atualmente transacionados com deságio de 61,5%, ante 59% em janeiro, segundo informou o NMB Bank NV, baseado em Amsterdã e um dos que

mais se interessam em organizar tais conversões.

No passado, o México suspendeu seu programa de conversão da dívida por causa da preocupação com seu impacto inflacionário. Mas a demanda de títulos mexicanos manteve-se em alta, em grande parte porque são usados para conversões de dívidas entre companhias mexicanas e também porque estão sendo usados por mexicanos abastados para repatriar dinheiro colocado no exterior. Os títulos mexicanos são cotados a 53,5%, o que representa uma alta em relação aos 48% de janeiro.

A Venezuela não tem um programa formal de conversão, o que faz com que seus empréstimos continuem constantes a cerca de 57%, uma ligeira alta em relação aos 55% de janeiro. Os operadores afirmam que há certa demanda pelas trocas extra-oficiais de dívida por capital e também por parte dos bancos que desejam reestruturar sua carteira de empréstimo. A Venezuela vem sendo diligente no pagamento do serviço da dívida e alguns bancos trocam os empréstimos mais duvidosos por empréstimos venezuelanos para fortalecer seu balanço.

Os empréstimos argentinos não se beneficiaram porém dessa recuperação, principalmente porque sua capacidade de pagar os juros e seus empréstimos está se deteriorando. O país deverá pedir em breve aos bancos um grande empréstimo e isso deve reduzir ainda mais a atração pela posse de seus papéis. Os empréstimos argentinos estão sendo transacionados a 28,5%, o que significa uma queda em relação aos 30,5% em janeiro.

Os empréstimos de países não latino-americanos foram de modo geral excluídos da recente recuperação, segundo Jaap Venema, operador da NMB. Os empréstimos poloneses e iugoslavos ficaram estáveis em cerca de 45% por falta de um programa de conversão da dívida e porque precisarão de novo financiamento. Os empréstimos a outros países do Leste europeu não estão sendo negociados ativamente.

As transações com empréstimos africanos são extremamente reduzidas sendo que alguns países, como o Sudão, têm seus empréstimos trocados a até 5% de seu valor facial. Há pouco interesse nos papéis nigerianos porque o país está elaborando um programa para converter os empréstimos em capital e em moedas locais.

Noticiário fornecido pelas agências internacionais AP/Dow Jones, Reuters, UPI e pelos jornais Financial Times, de Londres, Advertising Age, de Chicago, The Wall Street Journal, The Journal of Commerce e Barron's, de Nova York, El Cronista Comercial e a revista Mercado de Buenos Aires. Matérias especiais via Varig e Aerolineas Argentinas.